

Existe inequivocamente uma "crise da Universidade". Há muito tempo vários profanos vêm denunciando a indigência da instituição universitária e seus propósitos propiamente. Nunca, entretanto, ~~nenhuma~~ alguma havia tido realmente como Alvaro Vieira Pinto tentado mostrar a indigência dos propósitos propiamente da Universidade. É necessário, portanto, desdobrar em dois planos fundamentais a crítica da Universidade e tentar compreender as relações que ~~estes~~ <sup>estes</sup> planos devem manter entre si para alcançar um ponto de vista ~~realmente~~ <sup>crítico</sup> mais completo.

A tese de Vieira Pinto parte do ~~aposto~~ <sup>do</sup> ~~que seria se não fosse~~. ~~Desde~~ a indigência da Universidade e seus propósitos - a "função latente" necessária ~~de~~ e correlata à situação que realmente existe entre os ~~seus~~ propósitos da Universidade e a situação global em que ela se vive. Com efeito, sendo a Universidade do não-aluno, isto é, a Universidade pronta a servir às causas dominantes, que por ela são, em parte ponderadas, causas ocultas, funcionalmente precisa ser, ao mesmo tempo, a Universidade da "não-obra", isto é, de outras profissões cuja ~~atua~~ existência se explica na dinâmica do sistema capitalista pela necessidade da retenção de parte da renda social nos níveis de segmentos das profissões causas dominantes.

A primeira crítica a fazer refere-se a que - sem negar que explicitamente a situação descrita por Vieira Pinto ocorre em muitos níveis superiores - o enquadramento entre Universidade e sociedade capitalista não é o que Vieira Pinto sustenta. A produção da técnica, dos quadros de profissões liberais, de economistas, profanos etc. constitui uma condição para o desenvolvimento econômico e um requisito para a expansão do capitalismo. Porém, existe realmente uma indigência entre as funções que a sociedade capitalista requer para a Universidade e o funcionamento efetivo da Universidade: a desproporção, a irracionalidade e a crise na Universidade, ao contrário do que pensa Vieira Pinto são subprodutos da atividade universitária letada para o desenvolvimento do sistema capitalista, antes explicáveis em termos de "demanda cultural" que em termos de "função latente" da Universidade no processo de desenvolvimento capitalista.

Significa isto que os propósitos da Universidade, ao contrário do que sustenta Vieira Pinto, são válidos? A resposta embela, neces-

variavelmente uma espécie <sup>política</sup> política - social e não pode ser dada  
nem no próprio terreno <sup>político</sup> em que a colagem Álvaro Vieira Pinto, e  
isto foi seu maior mérito, ~~estava~~. Obviamente, do ponto de  
vista de esquerda a resposta é negativa e coincide com a de Vieira  
Pinto. Entretanto, este ~~relato~~ relato desloca o problema, <sup>que não</sup>  
tempo, para o plano da sociedade global: não são os <sup>professores, ~~prof~~</sup> <sup>professores, ~~prof~~</sup>  
os verticais, de fora os meios, cedem os melhores filhos da  
classe operária, mesmo porque isto <sup>chegam</sup> chegam <sup>ao</sup> <sup>vertical</sup> <sup>vertical</sup>.  
Mas, é toda uma ordem jurídica-social que, através dos <sup>instituições universitárias</sup> <sup>dos</sup> <sup>professores</sup> <sup>também</sup>,  
impede a democratização da cultura porque esta só tem sentido prático  
para o capitalismo dentro de certos limites. Portanto, qualitativamente,  
a coincidência dos propósitos da Universidade (de seus <sup>funções</sup> <sup>funções</sup>) com  
os interesses do povo ~~de~~ <sup>dependem</sup> <sup>dependem</sup> da possibilidade disto  
interesses impõem - u como forma geral de ser da sociedade humana.  
Mas claramente, se <sup>qual</sup> <sup>qual</sup> o ponto de vista de <sup>plataforma</sup> <sup>plataforma</sup> for o  
ponto de vista dominante, isto é, qual for <sup>possível</sup> <sup>possível</sup> <sup>estiver</sup> <sup>estiver</sup> a <sup>domínio</sup> <sup>domínio</sup>  
burguesa, a <sup>unidade</sup> <sup>unidade</sup> de todos os povos terá <sup>viabilidade</sup> <sup>viabilidade</sup>.

Contudo, isto é um processo e é necessário <sup>situar</sup> <sup>situar</sup> a  
universidade existente neste processo. É desigual que num país  
sub-desenvolvido a Universidade pode assumir <sup>politicamente</sup> <sup>politicamente</sup> <sup>função</sup> <sup>função</sup>  
vigorantes para uma Universidade de um país capitalista. Ali <sup>em</sup> <sup>em</sup>  
ponto, porém, o "estudante" <sup>pot</sup> <sup>pot</sup> pode transformar-se num <sup>regime</sup> <sup>regime</sup>  
social potencialmente revolucionário? Ou o consideramos, <sup>como</sup> <sup>como</sup>  
parte de <sup>intelectuais</sup> <sup>intelectuais</sup> <sup>como</sup> <sup>como</sup> <sup>causa</sup> <sup>causa</sup> "desmoralizada" que <sup>após</sup> <sup>após</sup>  
ou <sup>reintegrados</sup> <sup>reintegrados</sup> <sup>que</sup> <sup>que</sup> <sup>caracterizam</sup> <sup>caracterizam</sup> altamente <sup>diversos</sup> <sup>diversos</sup> <sup>de</sup> <sup>de</sup>  
de <sup>visão</sup> <sup>visão</sup> marxista - <sup>ou</sup> <sup>ou</sup> <sup>foram</sup> <sup>foram</sup> <sup>do</sup> <sup>do</sup> <sup>estudante</sup> <sup>estudante</sup> <sup>um</sup> <sup>um</sup> <sup>grupo</sup> <sup>grupo</sup> <sup>social</sup> <sup>social</sup>  
vinte <sup>viáveis</sup> <sup>viáveis</sup>. Se - <sup>for</sup> <sup>for</sup>, a <sup>ser</sup> <sup>ser</sup> <sup>verdadeira</sup> <sup>verdadeira</sup> a <sup>premissa</sup> <sup>premissa</sup> <sup>de</sup> <sup>de</sup> <sup>que</sup> <sup>que</sup>  
<sup>se</sup> <sup>se</sup> <sup>tem</sup> <sup>tem</sup> <sup>acesso</sup> <sup>acesso</sup> à Universidade os filhos de <sup>burguesia</sup> <sup>burguesia</sup>, o <sup>comportamento</sup> <sup>comportamento</sup>  
político dos estudantes, por mais que se <sup>radicalize</sup> <sup>radicalize</sup>, só terá <sup>sentido</sup> <sup>sentido</sup>  
realmente revolucionário quando <sup>em</sup> <sup>em</sup> <sup>ação</sup> <sup>ação</sup> <sup>estiver</sup> <sup>estiver</sup> <sup>situada</sup> <sup>situada</sup> <sup>em</sup> <sup>em</sup> <sup>estreita</sup> <sup>estreita</sup>  
ligação com as reivindicações e <sup>as</sup> <sup>as</sup> <sup>reivindicações</sup> <sup>reivindicações</sup> <sup>dos</sup> <sup>dos</sup> <sup>massas</sup> <sup>massas</sup> <sup>populares</sup> <sup>populares</sup>. Mas  
especificamente, as reivindicações autônomas dos <sup>estudantes</sup> <sup>estudantes</sup> <sup>quais</sup> <sup>quais</sup>  
radicalizadas tendem a ser <sup>antes</sup> <sup>antes</sup> <sup>o</sup> <sup>o</sup> <sup>expressão</sup> <sup>expressão</sup> <sup>de</sup> <sup>de</sup> <sup>uma</sup> <sup>uma</sup> <sup>generalidade</sup> <sup>generalidade</sup>  
romântica <sup>prata</sup> <sup>prata</sup> a <sup>natureza</sup> <sup>natureza</sup> <sup>de</sup> <sup>de</sup> <sup>reivindicações</sup> <sup>reivindicações</sup> <sup>na</sup> <sup>na</sup> <sup>integração</sup> <sup>integração</sup> <sup>e</sup> <sup>e</sup>  
coação do que a <sup>expressão</sup> <sup>expressão</sup> <sup>em</sup> <sup>em</sup> <sup>momento</sup> <sup>momento</sup> <sup>de</sup> <sup>de</sup> <sup>luta</sup> <sup>luta</sup> <sup>revolucionária</sup> <sup>revolucionária</sup>.

Neste sentido, para fugir da <sup>Reflexão</sup> <sup>Reflexão</sup> <sup>Universitária</sup> <sup>Universitária</sup> um povo



na Revolução Brasileira, e neste ponto ainda uma vez assiste-se  
a Vieira Pinto, e preciso não esquecer que o certo divânulo  
capaz de catalisar uma transformação política - social na Universidade não é  
de qualquer. A grande questão que se coloca, pois, para a concepção  
de alguns e dos limites da Reforma Universitária é saber - quais os  
~~meios~~ meios da Revolução Brasileira e o que está de seu desdobramento  
e encontros.

Verendo de lado, por um momento, a análise deste grande  
evento e preciso salientar que a resposta explícita no caso de  
Vieira Pinto, depois realizada pelo ato que encontramos na "Reforma"  
universitária, não deixa margem para dúvida: a Reforma Universitária,  
e mais especificamente, a reinvenção do tempo e do conteúdo  
adotada pelos alunos (o co-governo) <sup>tem</sup> ~~tem~~ como pressuposto  
político para sua validade a ~~possibilidade~~ possibilidade concreta de  
uma modificação política - social radical. A não ser assim,  
a tentativa de transformação de regimes de relação professor - aluno  
para analisar as relações entre professores - estudantes transformam-se  
num equívoco teórico ~~laurent~~ laurent e numa mistificação  
prática sem glória.

Vejamos mais concretamente os fatos. A crise na  
Universidade estava, como um reflexo particular de crise da  
Universidade, sob a forma de uma reivindicação estudantil  
concreta, o tempo nos olhos relegados, para impulsionar o que  
vazamente ou define como a necessidade de acelerar o processo de  
reforma universitária. Politicamente a reivindicação e a luta  
por ela assumida, a greve nacional, justificam-se em dois  
níveis principais: como uma tentativa, de resto bem sucedida,  
de fortalecimento da solidariedade estudantil e de exercício  
e prova de capacidade de liderança, e como uma demonstração  
de força num momento em que a situação política do país  
exigiu a defesa insistentemente dos ~~interesses~~ interesses representados  
de interesses não comprometidos diretamente no jogo de forças de hegemonia:  
a liderança da UNE, de seus órgãos, estudantes, de sindicatos  
etc. é essencial para possibilitar movimentos de massa, momentos  
quando os grupos nacionais tentam, a todo instante, atribuir  
a estes institutos o papel de meros "grupos" manipuláveis  
por grupos a serviço de interesses anti-nacionais. Em tal

das expectativas de segredo, serão fatalmente frustradas.  
O que de que está, contudo, foi o equívoco, em parte corrigido,  
em que existiam alguns grupos estudantis de uma questão  
universitária como uma luta em que o estudante interioriza  
deveria a capitulação a "classe dominante" dos professores. ~~em~~  
~~ao contrário~~, isto levariam a estudar o nível de ~~de~~ ~~segredo~~  
de relações entre burocracia e publicidade ~~na~~ na luta pelo  
poder é evidente e falso. Desejo de questão mas  
sentido de sociedade a luta entre professores e estudantes como  
um grupo de classe é um nonsense. E, isto em conjunto  
com o publismo de sociedade é um êno: a luta deveria ser  
estará centrada na condição de aluno em de professor, mas na  
adesão de um e outros os pontos de publicidade ou de burocracia.  
Causa de tudo evidente que, neste tempo, a partir de um determinado  
momento, isto é, desde quando o momento de ocupação de quadrado  
passou a exprimir inquietudes incertas e desconfiança do momento estudantil,  
que, começo forças, tinham iniciado o movimento de desconfiança  
de segredo, a força românticamente pequeno-burguesa de lideranças  
~~de~~ alguns grupos "de segredo" tentaram imprimir ao momento estudantil  
nes tinham alguma sentido político geral. Não o tempo, a persistência  
de "atitudes reducionistas" anunciaram a condição estudantil: transformaram  
em aventurismo político que condições apenas ao desmoronamento  
de solidariedade estudantil e a impressão de vezes autoritárias no  
âmbito universitário, sem nenhum projeto para as modificações  
político-sociais gerais de sociedade.